

Revolução



FORA COM A CANALHA O PODER A QUEM TRABALHA

O Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários, analisa um seu comunicado a situação política actual:

"Face à gravidade dos recentes acontecimentos políticos nacionais o Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, não pode deixar de alertar publicamente todos os trabalhadores. Estes acontecimentos relativos à luta de massas e à escalada da reacção mostra-nos a irrealidade do Plano de Acção Política do Conselho da Revolução, tal como tinha já acontecido ao elaborado Plano Económico-Social de Melo Antunes, ambo uma tentativa de salvação da burguesia.

E continua:

"É significativo que grande parte das lutas surja, ainda que com raízes anteriores, na altura da tomada de posição pela classe detentora do poder face à imparável manifestação dos trabalhadores em 17 de Junho, seguida da manifestação de apoio à justa luta dos trabalhadores da Rádio Renascença no dia 18.

Todas estas lutas se encontram num impasse, que é o impasse sem resposta de uma sociedade burguesa que se pretende a caminho do socialismo, mas que se eterniza e recua quando se vê abalada nas suas mais fundas raízes.

"É impossível resolver a questão reivindicativa salarial enquanto não poder ser aplicada uma planificação económica global justa que atinja forçosamente alguns dos actuais privilegiados fortemente ligados à cadeia governamental.

O Secretariado termina este seu comunicado, apelando a todos os trabalhadores que empenhem na formação de Conselhos Revolucionários, como única forma de "...se poder evitar que nos afundemos novamente num regime fascista mais repressivo e violento que o anterior, cujas vítimas serão inevitavelmente os trabalhadores deste país."

Relativamente à justa luta da Renascença, também o Secretariado tomou posição:

"Camaradas:

A justa luta dos trabalhadores da Rádio Renascença ultrapassou de há muito as cabines da sua estação da Rua Capelo. E porquê camaradas? Porque a humildade tão apregoada pelo Patriarcado, órgão supremo da Santa Madre Igreja em Portugal, só se impõe aos pobres e aos explorados.

O Vaticano não hesita em fazer chantagem com o Governo português e este nas costas dos trabalhadores, em atitude paternalista deixa-se intimidar para "bem" do Povo.

Mas o Povo não NAO, e o que se joga, agora mais do que nunca e o corte com o imperialismo e o Vaticano é o imperialismo.

Os trabalhadores dizem: VITÓRIA OU MORTE

A Rádio Renascença soma em si toda uma luta de classes extremamente aguda e expressa também nas lutas da República, TLP, CTT, TAP, OGMA, mas que se generaliza e toma consciência em toda a parte.

Milhares tenham coragem. Se não é o si próprios que se defendem ao menos ouçam a voz dos que dizem querer "libertar". Os trabalhadores estão cansados dos patrões. De todos os patrões. Os trabalhadores querem o que lhes pertence. Querem o PODER.

Querem o poder mesmo que isso signifique uma grande luta. Os trabalhadores estão habituados a grandes sacrifícios. O que eles não querem é que os usem seja em nome de quem for. Eles saberão defender-se e sobreviverão.

O último homem será um trabalhador.

Trabalhadores, Camaradas, UNI-VOS E ORGANIZAI-VOS. Nós não precisamos que o Conselho da Revolução e o MFA nós digam qual a melhor forma de o fazermos. Nós já a encontramos.

Lisboa, 3-7-75

Secretariado Nac. PROV. PRÓ-CONSELHOS REVOLUCIONARIOS DE TRABALHADORES SOLDADOS E MARINHEIROS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

ao conselho da revolução

Camaradas:

Face ao comunicado contra-revolucionário do Conselho Superior da Revolução, e dadas as facilidades aproveitadas pelas forças da burguesia, incluso remeto cópia duma carta que enviei registada:

Ao Conselho Superior da Revolução: Senhores oficiais,

As minhas cordiais saudações revolucionárias.

Quando o Conselho Superior da Revolução emite um comunicado que repudia a "via ditadura do proletariado com o apoio das milícias armadas" faz pouco sentido no processo revolucionário, e ao contrário do que devia ser, favorece os partidos da burguesia.

Pois como dizem elementos do M.F.A. e muito bem, que se está com a revolução, ou se está com a reacção. E também é verdade, ou o M.F.A. está ao lado dos trabalhadores revolucionários, ou está

contra os trabalhadores, não pode haver neutralidade, nem qualquer desculpa admissível, venha de quem vier. E é por estar empenhado no processo revolucionário, que sou eu um modesto trabalhador, vítima da exploração do sistema capitalista, que repudiou muito firmemente o comunicado que emitiram, porque de maneira alguma o posso considerar revolucionário.

É notória a instabilidade política nacional, disto não há margens para dúvidas... E quem tem contribuído para tal? Não esqueçam Senhores Oficiais que têm sido as facilidades concedidas à reacção, as rivalidades e as guerras partidárias originadas pelas cúpulas dos partidos que estão ao serviço da burguesia, e que muito lamentavelmente alguns se intitulam de esquerda. Mas os trabalhadores conscientes na hora da verdade os saberão julgar e punir. São os trabalhadores, mesmo sem culpabilidade de certas divergências

que tudo vêm a sofrer. E por isso mesmo terão que ser os trabalhadores revolucionários, independentemente dos partidos políticos a organizarem-se e a criarem as milícias populares armadas para com o apoio do MFA progressista se conquistar a ditadura do proletariado.

Confio plenamente no MFA, mas se realmente estão ver-

dadeiramente empenhados no processo revolucionário, são horas para não pensarem em promoções, mas pensarem sim, em apoiarem a organização da classe trabalhadora independentemente dos partidos da burguesia.

Pela Revolução Socialista Pelo Poder aos Trabalhadores.

H.C.G.S.

Sedes

ALGÈS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15
ALGÈS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CARNIDE — Rua Neves Costa, 47

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"
Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pombal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espargueira — Tel. 22558

VISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas
(a abrir brevemente)

socialismo ou barbárie

COMPANHEIROS

"...Considero que para a defesa das classes trabalhadoras, não devemos ser cilindrados nem pelas burocracias Lenino-estalinistas ou bolchevique-trotskistas, nem pela infiltração burguesa da social-democracia, diga-se ela marxista ou não-marxista, nem pela contestação sem horizontes de anarquistas e sucedâneos, mais ou menos marginalizados. Devemos renegar os Bernstein do presente, criticar e ultrapassar os Kautsky do presente, repudiar todos os reformismos, venham eles de Owen ou Kautsky, de Bernard Show ou de Stalin, de Ghandi ou de Krushev.

Se o capitalismo nos levará à Barbárie, tbém é certo que o socialismo, quando tem a perspectiva de Verdade Religiosa, sectária

e burocrática levará, a essa mesma Barbárie, também é certo que o lema de um grupo de marxistas que se denominou: nominou:

SOCIALISMO OU BARBÁRIE

Só a classe operária organizada autonomamente, constitui uma alternativa à barbárie, que tanto pode surgir do seu esmagamento, como classe pela burguesia, como pelas castas que porventura venham a surgir do seu do seu seio. Só o soviète é a forma mais acabada de democracia proletária. É assim, que defendemos a estrutura que o vosso partido propôs à classe: os Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros.

Saudações Revolucionárias

R.M.

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

PLENÁRIO DISTRI- LIMITAÇÃO DAS RENDAS DE CASA



Neste último sábado, dia 28, realizou-se em Setúbal um plenário distrital sobre o processo de limitação das rendas de casa cujo fim visava dar mais incremento ao processo desencadeado na cidade de Setúbal.

R EV. — Como é que surgiu a ideia de um plenário distrital?

RESP. — Bem, como sabes foi iniciado, nos finais do mês passado, um processo, que visava o abaixamento das rendas de casa, fixando-as em 500\$00 por assolehada a partir do r/c e 300\$00 por cave. Claro que este processo, iria somente atingir as pessoas que pagavam rendas superiores à tabela fixada.

Este processo teve a aderência de 3.000 inquilinos em Setúbal, que depositaram a renda na Caixa Geral de Depósitos. Uma vez que estávamos no fim do mês e havia uma certa desmobilização e ainda queríamos alargar o processo à todo o distrito, decidimos convocar este plenário.

REV. — Como é que decorreu o plenário?

RESP. — Ora o plenário teve a presença de mais de 2.000 pessoas e decorreu como se esperava, pois as pessoas estavam ansiosas por serem esclarecidas em relação aos boatos e dúvidas espalhadas pela cidade por elementos contrários ao desenvolvimento do processo, mais precisamente, senhorios e construtores civis. Pois sabe-se que os construtores civis em Setúbal estão a organizar-se e a boa maneira fascista já juraram lançar os seus próprios trabalhadores, contra os inquilinos, e mais precisamente contra as pessoas que se encontram à frente disto.

REV. — Disseste que foi um plenário distrital; quais foram as localidades que estiveram presentes, o que pensam sobre este processo e como se irão organizar?

RESP. — Estiveram presentes representantes do Barreiro, Quinta da Lomba, e Almada, que aliás foram as únicas localidades do distrito onde se distribuiu propaganda sobre a realização do plenário. Pois essas pessoas apareceram isoladas e não organizadas e, tal como nós aqui em Setúbal tínhamos feito há um mês atrás, essas pessoas reuniram-se, pondo para trás toda a divergência partidária e ficaram na disposição de começar a desencadear o processo nas respectivas localidades indo contactar as pessoas uma a uma tal como nós tínhamos feito em Setúbal, pois em princípio acordaram com o nosso método de trabalho, esperando, nós que o melhor.

R EV. — O que é que vocês acham desta luta neste momento em Portugal?

RESP. — Em relação a isso pode haver várias interpretações. A minha é a que deve ser do grupo dinamizador, isto depois de termos discutido o problema. É que neste momento este processo é importantíssimo porque vem aglomerar à volta dum problema que é a habitação, que afecta grandemente a maior parte do proletariado português, um grande número de pessoas que até agora não tinham sido motivadas, por um processo revolucionário, que lhes dissesse directamente respeito e em que elas próprias com a sua força pessoal, tivessem uma acção tão preponderante, e objectiva.

Com isto pensamos ter ganho, mais revolucionários, e ao mesmo tempo demos-lhe uma consciência política, na qual se chegou à conclusão de que só os verdadeiros interessados, organizados, podem fazer avançar um processo que conduza à vitória da classe trabalhadora.

REV. — Pensam ficar por aqui ou pensam ampliar a luta para outros objectivos mais concretos?

RESP. — Claro que, mesmo

quando começámos com o abaixamento das rendas de casa, nós sabíamos que esse mesmo processo se frustraria se não fosse perspectivado num contexto mais amplo mas também é certo que teríamos que conquistar as pessoas, para este processo e depois quando as pessoas começassem a ver resultados concretos poderíamos então avançar com mais segurança para outros objectivos que não serão mais do que a etapa até à conquista do poder.

Nós lançámos um comunicado em que estes objectivos aparecem já definidos, extraindo desse comunicado alguns desses objectivos; podemos dividi-los em dois grupos: uns de carácter reivindicativo (criação de infantários, escolas operárias, acabar com bairros de lata); — Uns de carácter político (criação de comissões revolucionárias de moradores em todos os bairros que irão por sua vez pôr em causa as Juntas de Freguesia, estas (Juntas) depois de remodeladas iriam pôr em causa a comissão administrativa da Câmara, e ainda todas as comissões administrativas das Câmaras dos respectivos distritos irão exigir a



nomeação do governador civil operário ou que se identifique com a classe.

Claro que isto é aquilo que se exigirá quando a sociedade portuguesa for socialista e nós como revolucionários iremos trabalhar para que isso aconteça, não esquecendo porém que esta estrutura é quase utópica enquanto em Portugal houver um sistema económico capitalista.

REV. — Em Setúbal há muitos bairros de barracas; como é que vocês encaram o problema?

RESP. — Nós não podemos dar números concretos das pessoas que vivem em barracas nesta cidade, mas pode-se calcular à volta de mil famílias que vivem em péssimas condições, excluindo desde já as pessoas que vivem em quartos e em casas abaracadas e em partes de casa; também sabemos, segundo dados fornecidos pela Câmara, que até ao

fim do ano, vão ser construídas duas mil e quinhentas casas e muitas delas já se encontram acabadas e vagas.

Neste momento a maior parte dos senhorios recusam-se a alugar as casas visto as rendas não os "satisfazerem".

Logicamente isto tem uma solução: 'é a tomada dessas mesmas casas pelas pessoas que vivem em barracas e em más condições. Claro que isto era o ideal mas eis que surge uma nova dificuldade, pois como se sabe o governo lançou o processo SAAL em que se dá uma gorjeta a essas mesmas pessoas e elas vão fazer uma barraquinha para outro lado, o que me faz lembrar os planos sinistros do tempo da outra senhora em que se gastava remessas de dinheiro para calar a boca ao Zé ficando o Zé na mesma, pois com os dados que já se deu tipicamente se conclui que o processo SAAL, em Setúbal, não tem validade; porque é que se vai gastar dinheiro quando há casas boas e vagas?

Em relação à ocupação de casas a comissão de moradores de Azeda — S. Gabriel propôs-se ajudar 9 famílias a ocuparem

REV. — E qual a posição do MFA sobre este problema?

RESP. — Parece que o MFA não está tão unido como dizem, visto que o capitão que representa o COPCON em Setúbal, tem uma opinião diferente daquela que tem o comando central do COPCON em Setúbal, ou mais precisamente o capitão Lourenço Marques pois enquanto este nos apoiou totalmente, aquele punha-se declaradamente do lado do capital, e mais surpreendente foi nós termos visto os trabalhadores comprados pelo sr. Vitor Correia Duarte a trazerem cervejas e sandes para os soldados que estavam no local da ocupação.

REV. — No Plenário foi discutido este problema?

Segundo informações que recebemos posteriormente estavam a assistir muitos construtores civis e senhorios os quais devido ao ambiente da verdadeira efervescência proletária decidiram não se manifestar nem sequer boicotar o plenário, pois parece que estes senhores se devem ter sentido muito desprotegidos e sentida a falta de apoio que com a cada vez maior consciência operária os vai isolando.

Claro que foi a melhor altura para atemorizar estes velhos carrascos, todo esse problema de ocupações foi apresentado e a opinião foi unânime, mas julgamos ser preciso mais organização para se leva a efeito este projecto.

REV. — Têm tido apoio de organizações políticas?

RESP. — Bem como sabes esta luta não está vinculada a qualquer partido político, mas todo o apoio que as organizações políticas nos quiserem dispensar e dar será bem recebido desde que esse apoio não signifique empenhamento em relação a essas mesmas forças políticas. Mas claro que já houve oportunistas que tentaram controlar e desviar o processo, porque há algumas semanas um elemento do grupo recebeu uma carta do MDP-CDE convidando o grupo a reunir com eles para uma discussão do processo.

A outra refere-se a uma notícia vinda no jornal "Margem Sul", afecto ao PCP, em que apelidava este movimento de proveniente dum grupo de reaccionários mas que elementos afectos a essas mesmas organizações já os desmascararam e abandonaram.

Entrevista feita pelo núcleo do PRP-BR de Setúbal

andares vagos; há muitos na urbanização de S. Gabriel. E o que é que aconteceu? Pois isto é uma grande urbanização pertencente ao grande capitista da região, Victor Correia Duarte, que se dedica à exploração da habitação, pois este senhor estando a ver que primeiro com o abaixamento das rendas de casa e agora com as ocupações das casas teria que usar uma tática subtil que pudesse travar o respectivo processo. E qual foi? Assim esse senhor foi buscar trabalhadores a outras urbanizações que lhe "pertencem" e ameaçou-os de despedimento se eles não ajudassem a expulsar daquelas casas os outros trabalhadores que as tinham ocupado.

Parece que este senhor até é perito nestas coisas, pois o sr. foi tão bom que esses trabalhadores, até agredirem e insultarem toda a gente que apoiava os ocupantes e não arredaram pé enquanto estes não saíram.

RÁDIO RENASCENÇA AO SEU

AS CONTRADIÇÕES DO PODER

Finalmente o governo português tomou posição sobre a justa luta dos trabalhadores da R.R. — entregando o emissor ocupado ao patriarcado.

Mais uma vez o governo demonstrou bem de que lado está — do lado da burguesia, defendendo muito bem os seus interesses de classe. Dentro da via pluralista entregam um emissor de rádio, para que este país tenha a oportunidade de ouvir a voz da reacção.

Entregar a Renascença ao Patriarcado, representa dizer sim ao imperialismo, representa a impotência total de um governo de pôr travão à reacção, de a liquidar antes pelo contrário apoia-a.

Os últimos acontecimentos bem nos demonstram a verdade:

— a fuga dos pides de Alcoentre (é mais fácil deixá-los fugir que julgá-los)

— os aumentos das tarifas dos comboios nacionalizados (ao serviço do povo...)

— a posição assumida relativamente às lutas nas quais mais se agudiza a luta de classes (TLP, TAP, R.R., REP.)

Entretanto os trabalhadores da Renascença mantêm-se no seu posto, e entregam a decisão de abandonar os estúdios à classe operária. Disseram-nos:

“Só a classe operária compete a decisão, quando ocupamos as instalações foi para pôr a Renascença ao serviço dos trabalhadores. A nós compete-nos ser técnicos de rádio, a informação que damos não é nossa, é da classe operária na luta que desenvolve diariamente.”

A resposta foi inequívoca por parte dos trabalhadores.

MANIFESTAÇÕES DE APOIO A R.R.

Logo a seguir ao comunicado que os trabalhadores da Renascença emitiram, verificou-se a concentração de milhares de manifestantes apoiando a luta, e organizando-se em piquetes.

De notar as manifestações da Lisnave e TLP.

Novamente a classe operária veio para a rua, lutar, defender aquilo que já é seu e está ao seu serviço.

RÁDIO RENASCENÇA
AO SERVIÇO DA CLASSE
OPERÁRIA!
A RÁDIO É DO POVO
NÃO É DO CAPITAL!
INFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA,
AO SERVIÇO
DA CLASSE OPERÁRIA!

Foram palavras de ordem que se fizeram ouvir na Rua Capelo.

Tal como no dia 17 de Junho, a burguesia treme, e treme porque a classe operária não pára.

O que irão fazer os senhores “Conselheiros da Revolução”?

Neste momento eles têm de contar com: os trabalhadores da Renascença só abandonarão a luta pela força — que estes trabalhadores têm o apoio das massas trabalhadoras — que, de forma alguma, os trabalhadores presentes quer no estúdio, quer na rua, consentirão na ocupação da Renascença pelo Patriarcado.

Será que vão começar a matar?

O APARTIDARISMO DA LUTA

Do Jornal de luta dos trabalhadores da Renascença transcrevemos um ponto, no qual se foca o apartidarismo da luta, a única forma de se avançar na luta:

“...2 - O APARTIDARISMO DA NOSSA LUTA: Há muito tempo que os trabalhadores da Rádio Renascença aqui travam uma luta pela liberdade de informação. Já para não referirmos as difíceis

vitórias que alcançamos nos últimos anos do consulado fascista, recordamos que a primeira greve desencadeada (a 30 de Abril de 74) foi motivada pela proibição de transmissão das reportagens das chegadas a Portugal de Mário Soares, Álvaro Cunhal, Luís Cília e José Mário Branco e contra as pressões que se levantaram para que não fosse repetida a leitura de um comentário da agência Nova China. Quem vê aqui partidários?

No entanto, a liberdade de informação que defendemos não se limita a uma atitude neutral perante todas as correntes políticas. O que fundamentalmente pretendemos é colocar ao serviço da classe operária — vanguarda da revolução socialista — um órgão de comunicação social, será pois à classe operária que compete avaliar da justeza da nossa luta e da “parcialidade” da informação praticada.

É significativo serem aqueles que sempre manearam a (des)informação a seu belo prazer e que ainda hoje retomam a ideologia

fascista em pesquisa de província a folhecas paroquiais - a hierarquia eclesiástica e os seus laicais - que nos acusam de uma prática limitativa da liberdade de expressão. De facto, limitamos a liberdade de expressão às forças empenhadas na defesa dos interesses das classes trabalhadoras, quer dizer às forças empenhadas em desenvolver a Revolução portuguesa.

Não acreditamos que seja compatível com a dinâmica da revolução e proteccionismo à livre manobra da burguesia capitalista e, por conseguinte, a fusão de perspectivas de classe antagónicas da libertação do proletariado.

Por outro lado entre os profissionais que trabalham na Rádio Renascença estão apresentadas as mais diversas correntes políticas, sem predominância de qualquer delas.

AS CONTRADIÇÕES DO PODER

Mais uma vez se faz notar as contradições existentes, desta feita num prazo mínimo de horas.

A primeira decisão governamen-

tal de entregar a Renascença ao Patriarcado, foi hoje ultrapassada por uma segunda decisão, segundo a qual se nomeia uma Comissão Administrativa para gerir a empresa, até à nacionalização das cadeias de rádio.

É uma vitória sobre o patriarcado reacçãoário. Poderá ser a separação do Estado-Igreja o que representa uma vitória.

No entanto a luta continua. As nacionalizações não têm vindo a resolver os problemas deste país.

Neste caso, a nacionalização da Renascença será mais tatar um buraco para acalmar, do que a resolução da crise que se agudiza de dia para dia.

A classe operária não está no poder, logo quem irá gerir a Renascença será um governo burguês, e isso não nos interessa.

Compete a nós trabalhadores organizarmo-nos para alcançarmos o poder e exercê-lo.

Essa organização terá que passar pela eleição de órgãos representativos da classe, revogáveis a cada momento e apartidários - os Conselhos Revolucionários.

POSIÇÃO DO PRP-BR

A posição de força assumida pelo Governo contra os trabalhadores da Rádio Renascença é, a demonstração clara dos interesses de classe que são defendidos por este Governo Provisório, por este Conselho da Revolução.

Os interesses de classe que esses órgãos defendem são os da burguesia.

As formas avançadas de organização que o proletariado tem vindo a assumir cada vez mais e de que a força dos Conselhos Revolucionários é uma expressão que entrou pelos olhos dentro em toda a gente, tinha que desencadear da parte da classe oposta uma reacção activa. E, embora a burguesia portuguesa se encontre moribunda, o imperialismo dá-lhe força suficiente para arrancadas que se podem transformar em fascismo.

Pensa o PRP-BR que a partir da crise política que culminou com a saída do Plano de Acção Política do Conselho da Revolução, podemos dizer que o poder político tem feito caminho à contra-revolução. Os compromissos com o imperialismo, os acordos internacionais, as garantias dadas aos Estados Unidos, são negócios do Governo e do Conselho da Revolução forjados nas costas dos trabalhadores e necessariamente contra eles.

A atitude face às últimas greves, a escandalosa fuga de Alcoentre, a posição que se adivinha em relação ao Jornal República, são já sinais evidentes de que o nome “revolução” e de “revolucionários” são usados abusivamente por quem defende a burguesia nacional e internacional e com ela dá mostras evidentes de estar conluído.

A posição face ao Rádio Renascença, vem culminar esta série de actos reacçãoários. Retirar a Rádio Renascença aos trabalhadores portugueses para a entregar ao Patriarcado, sinistro e bafiento representante do capitalismo, é marchar contra a revolução. Não permitir que a voz independente dos trabalhadores se exprima e entregar à Igreja a possibilidade de intoxicar com a sua voz ultra-reacçãoária, milhões de ouvintes, é estar a fazer o caminho ao fascismo.

Trabalhadores revolucionários e militares revolucionários: só há um caminho - a tomada do Poder pelos trabalhadores, a Ditadura do Proletariado. Para não fazer o jogo do imperialismo, para distribuir o mal ou o bem igualmente por todos, para ter um rádio, uma TV e uma Imprensa ao serviço dos trabalhadores (e não ao serviço da reacção ou de partidos), para prender e julgar os pides e não permitir que se libertem.

Trabalhadores, revolucionários e militares revolucionários: o actual poder político não é dos trabalhadores, é da burguesia. O Governo de coligação, a Assembleia Constituinte são a mais vergonhosa demonstração de conciliação de classes, em que uma é sempre traída, a dos trabalhadores. É necessário que este poder seja substituído por um poder dos trabalhadores.

Para isso é necessário uma larga unidade de base, e sem sectarismos, de todos os revolucionários e de todos os trabalhadores e dos militares revolucionários. Com a unidade dessas três partes a vitória é certa. Sem qualquer delas a derrota é certa.

O PRP-BR sauda os trabalhadores da Rádio Renascença e solidariza-se inteiramente com a sua luta. E apela para todos os seus aderentes e militantes e para os trabalhadores simpáticos em geral, para que se concentrem imediatamente junto da Rádio Renascença na rua Capelo, para assim manifestarem a sua solidariedade. Para estarem ao lado dos trabalhadores da Renascença.

VIVA A IMPRENSA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES
VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES DA RÁDIO RENASCENÇA
UNIDADE REVOLUCIONÁRIA PARA UM PODER DOS TRABALHADORES

1-7-75
O Secretariado Político

VÍCIO DA CLASSE OPERÁRIA

O.G.M.A. — A LUTA CONTINUA



— Subsídio de férias igual para todos os trabalhadores o que implicará a necessidade de alteração da lei actual.

Apresentada a tabela salarial foi dado o prazo de 15 dias para a direcção se pronunciar a qual ficou impassível e nada resolveu. Tomaram então os trabalhadores acções de luta, que se passam a descrever:

— 20 de Junho de 75 - Plenário dos trabalhadores, realizado devido à impassibilidade da Direcção, perante a tabela salarial. (Alegando ser o assunto da competência do *Chefe do Estado Maior da Força Aérea*). Ficou decidido no plenário que:

— A forma de luta a seguir seria a de greve parcial de 2 horas diárias, até ser aceite a tabela salarial. Esta luta teria início às 15h,30m do dia 23 de Junho, com uma manifestação, frente à Direcção da empresa.

— A luta seria divulgada pelos órgãos de Comunicação Social, divulgação essa que até hoje não se verificou, já que a CT não fez os contactos necessários.

— 23 de Junho de 1975 (15h,30m) - Realiza-se uma concentração dos trabalhadores no Hangar 3, para dar início à manifestação. A CT que já lá se encontrava convoca um plenário de urgência em virtude da reunião realizada de manhã entre a CT e o CEMFA.

Os resultados comunicados pela CT foram os seguintes:

Afirmção do CEMFA, que só poderia tomar qualquer posição quanto às reivindicações, após saírem os salários para o funcionalismo público (esclarece-se, que os trabalhadores têm umas vezes sido considerados como

funcionários públicos, outras vezes como servidores do Estado e ainda outros como militares, conforme as conveniências).

— Que após saírem os ditos aumentos, seria estudado o caso, mas no entanto adiantavam que não teriam nada identico ao pedido na tabela salarial, pois se o tivessem, os trabalhadores de outras empresas estatais manifestar-se-iam contra isso. Em face do exposto, informa-se que o Alfeite tem uma tabela salarial alcançada pela luta da classe, após o 25 de Abril de 1974, superior àquela reivindicada então pelos trabalhadores, sem que os outros trabalhadores tivessem protestado. As propostas perante as afirmações do CEMFA, foram as seguintes:

— propostas de greve geral com ocupação

— propostas de greve parcial
— propostas de greve de zelo
— propostas derrotistas e conformistas indentificando-se com as palavras do CEMFA.

As divergências da classe notadas pela diversidade das propostas não são mais do que a tentativa para pôr fim à luta, aproveitadas para provocar a divisão, que tem vindo a notar-se após o 25 de Abril de 1974 e que tem sido aproveitada pela Direcção para contrariar a luta dos trabalhadores.

Apercebendo-se a CT da situação, conseguiu fazer com que os trabalhadores discutissem no dia seguinte, 24 de Junho de 1975, nos seus locais de trabalho, as formas de luta a adoptar e depois fossem essas consideradas pela classe, em plenário a realizar às 15H00, o que o conseguiu.

— 24 de Junho de 1975 - pela manhã é discutido nas secções as formas de luta a seguir. às 15H30 - início do plenário. Na

mesa onde se encontram a CT surgem cerca de 37 propostas, faz-se uma votação por eliminação ficando na mesma somente duas propostas.

Realiza-se contudo a fusão das duas propostas, ficando a proposta final com o seguinte teor:

25 de Junho de 75 - greve de 4 h. a iniciar na 2.ª sessão de trabalho.

— 26 de Junho de 75 - greve de 6H iniciada às 10H da manhã (primeira sessão de trabalho) e realização de uma manifestação que não se chegou a realizar, devido à confusão provocada por questões partidárias.

— 27 de Junho de 75 - Início de greve geral até à satisfação da tabela salarial, considerada pelos trabalhadores mais do que justa.

Portanto a 27 de Junho inicia-se a greve geral com a realização de um plenário para análise da situação e debate sobre as formas de luta a seguir. Divergências partidárias se manifestaram no início da Assembleia mas tal situação foi ultrapassada com o isolamento de um grupo de pessoas que procuravam fomentar a desunião entre os operários.

A partir desse momento, e depois da CT ter reconhecido os seus erros a esmagadora maioria dos trabalhadores viria a imprimir à CT uma nova dinâmica caracterizando-se na elaboração de propostas com o objectivo definido de prosseguir a luta. É assim que é aprovada a proposta de continuação da greve geral e da realização, no dia 2 de Junho de uma manifestação em frente ao C.E.M.F.A.

Cerca das 19H do dia 2, a manifestação saiu do Rossio gritando palavras de ordem como: "ABAIXO OS SALÁRIOS DE FOME", "ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA", "EM FRENTE PELA TABELA SALARIAL", "EM FRENTE PELO SANEAMENTO", "UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS", e "VIVA A CLASSE OPERÁRIA.

Frente ao edifício do Estado Maior da Força Aérea, foi pedida por diversas vezes a comparência do chefe daquele departamento. Nem ele, nem mais ninguém por ele se dignou a aparecer. Depois de estarem algum tempo na expectativa, surge entre os manifestantes uma moção de apoio aos trabalhadores da "Rádio-Renascença" nova manifestação arrancou dali em direcção à rua Capelo, aos gritos de "Rádio Renascença - O.G.M.A., A mesma luta". Ai, depois de lida uma mensagem de apoio, os trabalhadores poderam divulgar a sua luta através dos microfones desta célula de Rádio, que hoje se encontra efectivamente ao seu serviço.



As O.G.M.A. são uma empresa vindo com soluções que em nada Fabril do Estado, cujo ramo de actividade se baseia na reparação e manutenção de aeronaves pertencentes à Força Aérea portuguesa, à Força Aérea americana e à Força Aérea alemã.

A actual tabela salarial é a seguinte:

O vencimento médio é de cerca de 4200\$ havendo cerca de 1600 trabalhadores a auferir o salário inferior a 4 600\$00, os quais têm a seu cargo agregados familiares a sustentar. Os restantes trabalhadores auferem os seguintes vencimentos cerca de 1.450 salários entre 4 600\$00 e 7 000\$00 e cerca de 250 de 7 000\$00 até 14 000\$00.

Os trabalhadores, em face da inflação que se vai notando e não a podendo suportar, elaboraram uma tabela salarial, aprovada por maioria, "Na qual sobressai o seguinte:

— Redução de categorias (existem 128 que se pretendem reduzir para 43).

— Congelamento dos salários de 12 000\$00 e superiores e aumento progressivo a partir do ordenado mínimo proposto é de 4 750\$00.

As O.G.M.A. são uma empresa Fabril do Estado, cujo ramo de actividade se baseia na reparação e manutenção de aeronaves pertencentes à Força Aérea portuguesa, à Força Aérea americana e à Força Aérea alemã.

O quadro de pessoal compreende cerca de 3.300 indivíduos estando cerca de 1.000 cumprindo o serviço militar obrigatório e os restantes 2.000 na situação de pessoal civil.

A luta por melhores condições de trabalho e salários arrasta-se desde o 25 de Abril de 1974, estando agora numa fase de agudização.

A direcção da OGMA, composta por oficiais da Força Aérea portuguesa altamente reacçãoários (esclarece-se que após o 25 de Abril de 1974 só um deles foi saneado e por eles, o director brigadeiro Alberto Fernandes) nunca manifestou o menor interesse pela luta dos trabalhadores, mas pelo contrário sempre a tentou travar,

ESPAÑA

Entrevista com

MILITANTES DAS "COMISIONES OBRERAS"

REVOLUÇÃO — Qual é a implantação actual das "Comisiones Obreras" no proletariado espanhol?

A — Há "Comisiones Obreras" em todas as regiões industrializadas de Espanha: Madrid, Catalunha, País Basco, Astúrias, Galiza, Valladolid, Sevilha, Córdoba, Granada, Valência, etc. Pode dizer-se que há Comisiones onde há núcleos importantes de trabalhadores.

REV. — Como funcionam? Continuam a ser Comissões eleitas em Assembleia, ou pelo contrário, perderam a representatividade?

A — Quando começaram, as Comisiones eram representativas; a seguir chegou-se a um ponto em que deixaram de o ser e isto aconteceu porque o PCE ocupou todos os postos em alguns locais e durante algum tempo as C.O. foram um apêndice do Partido Comunista Espanhol. Posteriormente apareceram outros partidos e houve confrontos. Nessa altura a influência do PCE caiu por terra. Actualmente opera-se uma grande transformação no seio das mesmas. Está-se a trabalhar activamente nas empresas e as C.O. participam activamente nas lutas de rua contra o franquismo, como sucedeu nas jornadas de luta do 4 e do 11 de Junho nas quais as C.O. tiveram uma grande participação.

REV. — Continua a ser muito forte a repressão às C.O.?

B — Eu penso que neste momento a repressão diminuiu.

A — Penso que se tornou mais selectiva e que agora estão mais interessados em controlar do que em reprimir. No entanto a repressão continua a existir e nós continuamos clandestinos.

REV. Há C.O. que tenham sido eleitas e que sejam controladas pela Assembleia?

A — Isso é o que se pretende.

B — Como somos clandestinos não se podem convocar assembleias senão em casos muito especiais e esporadicamente.

REV. — Das C.O. que vocês conhecem pensam que apesar da impossibilidade de convocar assembleias, elas são representativas?

A — Já temos dito que não são muito, mas vão a caminho de ser.

REV. Há alguma outra organização autónoma da classe?

A — U.S.O. (Unione Sindical Obrera) e a U.G.T. (Unione General de Los Trabajadores). USO está presente em quase toda a Es-

panha Industrial e tem uma linha política definida. Tem uma estrutura mais parecida à de um partido de que a uma organização autónoma da classe.

B — As C.O. hoje em dia como órgão não têm uma linha política clara. A nível local sabem perfeitamente o que querem; no entanto não souberam ainda libertar-se para poderem realizar uma discussão ampla nas bases — nas diferentes regiões — estabelecer uma linha política definida.

A — Uma coisa está clara: há que combater a linha política do PCE dentro das C.O. porque para nós é evidente que essa não é a linha das C.O., nem pode ser. O PCE prejudicou-nos porque a única coisa que fez, foi dar a conhecer as nossas siglas ao utilizá-las em seu benefício na sua campanha de propaganda nacional e internacional.

B — Hoje, muitas das pessoas que participam nas C.O. são militantes de grupos políticos (PCI, MCE, ORT, etc) que tentam disputar ao PCE o seu papel nas C.O. Eu pessoalmente e o grupo autónomo de que sou porta-voz, consideramos que o PC foi prejudicial às C.O., Mas os partidos esquerdistas que tentam substituí-lo não são melhores.

A — Eu não sou da mesma opinião. Creio que alguns partidos, por exemplo o ORT podem dar uma contribuição importante às C.O. e de facto isso já está a acontecer em alguns lugares ainda que está incipiente e imatura.

REV. Há algum partido que dentro da organização autónoma da classe, cumpra o papel similar ao que o PRP-BR cumpre aqui em Portugal? Quer dizer há algum ou há alguns grupos que tentem uma organização independente de classe?

B — Penso que nenhum dos grupos que participam nas C.O. têm essa linha.

REV. Para ti então as C.O. são um campo de batalha dos partidos políticos, não é?

A — Sim tem sido, e continua a ser em parte, mas há já muita gente dentro das C.O. que não participam nesta batalha partidária e que orientam os seus esforços para o fortalecimento da organização autónoma, fazendo os seus planos a partir da luta diária.

As C.O. têm uma orientação diferente segundo a procedência partidária e os militantes que predominam nele. Também as há verdadeiramente autónomas. Algumas aderiram à Junta Democrática e outras à "Plataforma de Convergência", como por exemplo a "Coordenadora de Comisiones

Obreras de Euskadi", que aderiu à segunda. O que não existe é uma coordenação real entre as C.O. a nível de toda a Espanha.

REV. Que disseram as C.O. de Madrid perante as últimas eleições sindicais (do sindicato fascista)?

REV. Em todos os sitios? Incluindo onde as C.O. são suficientemente fortes para representar os trabalhadores e lutar fora do sindicato oficial?

A — É possível a participação a todos os níveis.

B — Sim, porque creio que participar é a forma de chegar às camadas mais atrasadas.

A — E mais, como o fascismo está em crise é preciso atacá-lo em todas as partes para conseguir destruí-lo e obter umas liberdades mínimas que lhes permitam avançar a nível organizativo. Hoje na clandestinidade, a repressão ocasionou a repressão que sofremos. Creio que é importante participar, porque temos de utilizar todos os meios ao nosso alcance para conseguir uma unidade de base sem dirigismos. Por exemplo em Madrid os trabalhadores das grandes empresas estão a distanciar-se dos trabalhadores das pequenas empresas e que se pode utilizar o sindicato para encurtar as distâncias.

REV. — Todavia, os diferentes grupos marxistas-revolucionários: AC, LO, OC, POUM, UCL, preconizavam em toda a Espanha.

B — Deve-se participar mas com determinadas condições. Com a participação pode-se dar um estatuto legal aos homens eleitos em Assembleia.

REV. É isso possível?

B — Nas empresas em que existe uma Comissão forte é possível. O que é evidente é que todos os que optem por uma organização autónoma da classe devem considerar como central o papel da Assembleia, e é preciso utilizar todos os meios que a fortaleçam; a participação nas eleições sindicais cremos que é um desses meios.

REV. — Pode a burguesia espanhola encontrar uma solução para a sua crise dentro das estruturas de uma democracia ou de uma social-democracia?

A — Isso é o que eu penso que estão a tentar os burgueses progressistas, que formam parte da Junta Democrática e da Plataforma de

Convergência. Mas a mim parece-me que se alguma destas alternativas triunfa a curto prazo, e se destrói o aparelho fascista, o proletariado estará em pouco tempo, em disposição de apresentar uma alternativa revolucionária.

REV. Creem que é possível, sob um ponto de vista económico, a saída democrático-burguesa que tentam a direita de dentro e fora do regime e as cúpulas de certos partidos?

A — Não sei; o que é seguro é que o regime vai mudar e que o novo será também um representante e defensor da classe burguesa. Mas não poderá ser tão repressivo com a classe trabalhadora; esta poderá organizar-se melhor e eu creio que a situação do novo regime será insustentável em pouco tempo pois revelar-se-á logo de seguida a sua natureza de classe e a luta será mais evidente.

REV. Então, a tática da Junta Democrática e da Plataforma de Convergência de liquidar a curto prazo o franquismo é correcta?

B — Sim, apenas nisso ela é correcta.

REV. Que diferenças existem entre a Junta Democrática e a Plataforma de Convergência?

B — Eu creio que nenhuma. O PCE e o PSOE pretendem adquirir o relevo do franquismo pactuando com a burguesia progressista e com partidos esquerdistas (o PC com o Partido do Trabalho — antigo PCI — eluta será mais evidente).

REV. Então, a tática da Junta Democrática e da Plataforma de Convergência de liquidar a curto prazo o franquismo é correcta?

B — Sim, apenas nisso ela é correcta.

REV. Que diferenças existem entre a Junta Democrática e a Plataforma de Convergência?

B — Eu creio que nenhuma. O PCE e o PSOE pretendem adquirir o relevo do franquismo pactuando com a burguesia progressista e com partidos esquerdistas (o PC com o Partido do Trabalho — antigo PCI — e o PSOE com o MCE e o ORT); mas eu creio que a única diferença existente é que são organizações distintas mas que têm a mesma estratégia e a mesma tática.

A — Não estou de acordo. Penso que isso está certo em relação à

Junta Democrática que pretende formar um governo provisório, que prepare umas eleições etc. Mas não está certo em relação aos grupos de esquerda que aderiram à plataforma. Esses não têm compromissos de qualquer tipo e só colaboram entre si para a liquidação do fascismo. Depois, com liberdade, cada um poderá seguir a sua linha, mesmo que seja contrária à dos outros.

REV. À Junta, censuram-lhe — concretamente a Assembleia da Catalunha — uma grande ambiguidade em relação ao problema das nacionalidades.

B — Sim, mas isso não significa que a Plataforma não seja uma manobra política igual à da Junta. É absurdo que existam duas organizações com os mesmos objectivos.

A — Mas o ORT e o MCE não disseram que iam competir contra a Junta Democrática, mas apenas que vão lutar contra o fascismo, mas a partir de umas estruturas unitárias mais de acordo com os seus princípios e as suas estratégias. Isto deve ficar claro: A Plataforma não considera a Junta como seu adversário, só a considera inadequada como plataforma unitária.

B — O MCE e o ORT criticavam a Junta por fazer pactos entre as classes, e agora eles fazem o mesmo.

A — Não é bem o mesmo, porque se trata de uma coincidência táctica até à destruição do fascismo.

REV. — Qual das duas plataformas tem mais implantação na classe operária?

A — A Junta, ao ter um melhor aparelho de propaganda, chega a mais trabalhadores, mas mais superficialmente. As organizações que estão na Plataforma, fazem mais trabalho de base, e, a partir da base, está-se a fazer uma crítica muito forte à estratégia do PC e da Junta, e já há muita gente que vê claro. Muitos dos que criticam a estratégia do PC caem depois nos mesmos erros. Hoje em dia ainda ninguém pôs a questão — talvez porque não se possa — duma verdadeira alternativa socialista.

A — A coordenação de base, a nível nacional, é difícil, mas é imprescindível para pôr, correctamente, uma alternativa socialista. Mas sem dúvida, já há gérmenes do que poderá ser uma organização autónoma da classe.



QUARTA-FEIRA, DIA 25

• "Valorosos combatentes, Povo Moçambicano: em vosso nome ... o Comité da FRELIMO proclama solenemente a independência total e completa de Moçambique e a sua constituição em República Popular de Moçambique..."

Palavras de Samora Machel, no discurso proferido, no acto solene da independência de Moçambique.

• Os trabalhadores da empresa Turiágra-Turismo e Agricultura e Etegra- Estúdio e Técnico e Grafico Ld.* iniciam uma greve de fome frente a S. Bento.

QUINTA-FEIRA, DIA 26

• "Moçambique é realmente neste momento, um país totalmente independente e livre, o que só foi possível com um povo unido que hoje constitui uma nação exemplar para o mundo".

Palavras do Alto-comissário cessante de Moçambique, Alm. Vitor Crespo.

• De um artigo publicado no "Jornal do Comércio", assinado por Jaime Antunes: "quando será que os trabalhadores portugueses começam de facto a participar na revolução dos problemas que lhes

dizem respeito? Quando será que acabam entre nós as decisões de cúpulas tomadas em gabinetes? Quando será que os trabalhadores farão um controle da produção nacional na prática e não apenas teoricamente? Será possível realizar todas as anteriores interrogações sem um governo de operários e camponeses?

SEXTA-FEIRA, DIA 27

• Decorre a Conferência cimeira de Macau entre Portugal e os partidos Timorenses APODETI e UDT, representados respectivamente do sub-imperialismo indonésio e do neo-colonialismo. Esta cimeira foi boicotada pela FRETILIN, único movimento que defende a independência efectiva de Timor.

• A reunião alargada do Conselho Superior de luta do PAIGC, reunido em Bissau emitiu um comunicado onde se indica que a Guiné e Cabo Verde irão constituir uma associação de estados.

• Os elementos do MRPP, detidos em Pinheiro da Cruz entram em greve de fome.

SÁBADO, DIA 28

• Anunciada a futura constituição de um Governo Provisório em Timor, e eleições para uma Assembleia popular, embora a FRETILIN não participe na cimeira

de Macau, o Governo português afirma desejar a sua presença no Governo Provisório.

• Reunião da Assembleia do MFA da Armada, onde na análise da situação política se afirma em comunicado:

"A actual política não é mais do que o resultado da luta intensa que se trava entre as forças do socialismo e as forças que procuram recuperar o capitalismo, mesmo que sob formas mais civilizadas.

• Reabertas diversas esquadras da PSP em Lisboa, principalmente em zonas habitacionais de grandes massas de trabalhadores.

DOMINGO, DIA 29

• Reunião de uma assembleia popular da zona do Regimento de Engenharia I, englobando membros de Comissões de Moradores e Comissões de Trabalhadores onde se puseram questões, como "A substituição do aparelho de estado burguês, por outro menos burocrático" e "Criação de órgãos autónomos de poder popular".

• Fuga de 89 pides da prisão de Alcoentre, até aqui considerada como uma das mais seguras do país.

Enquanto se mantém a severidade e repressão sobre o MRPP, a vigilância parece inoperante, no que diz respeito aos tortionários fascistas...

• Melo Antunes, regressado de

Londres declarou que "A Inglaterra apoia sem reservas o pedido de auxílio financeiro de Portugal ao Mercado Comum. Disse Melo Antunes, em Londres, para aquietar os desconfiados britânicos: "Portugal não pretende perturbar o equilíbrio na Europa..."

Boas perspectivas para o "Socialismo à portuguesa"?...

• O Sindicato de trabalhadores na Imprensa emitiu um comunicado, onde se afirma a dado passo que "nenhum trabalhador com dois ordenados ganha tanto como um ministro".

• Gerald Ford considerou como "encorajantes" os últimos acontecimentos políticos registados em Lisboa.

O imperialismo cautelosamente vai-se identificando com os novos ventos que sopram em Portugal, e já há empréstimos em libras...

SEGUNDA-FEIRA 30

• Na continuação da política de "boa vontade" do imperialismo para com Portugal, foi acordado um empréstimo do governo americano no montante de 300 mil contos para o fomento da habitação social.

• Como protesto contra a emissão do programa "Alavanca" da responsabilidade da Intersindical que acusou os corpos gerentes de fascistas e reaccionários, o

Sindicato dos estivadores do distrito do Porto e de Lisboa paralizaram o trabalho de manhã.

Aquele sindicato não está filiado na Intersindical, por ser contrário "à ingerência da Central Sindical única dominada por um partido totalitário que se tem vindo a destacar com golpes de força sobre homens que se negaram a ser seus vassalos" (opinão do presidente do sindicato).

• Realização de eleições para os 56 deputados à Assembleia Nacional de Cabo Verde, cuja função será declarar a independência e elaborar a futura constituição política, assim como decidir a forma de unidade entre Cabo Verde e Guiné Bissau. A independência está marcada para 5 de Julho.

TERÇA-FEIRA, DIA 1

• Foram recapturados 29 dos 89 pides fugidos de Alcoentre. A criminosa negligência que permitiu esta evasão, é criticada por diversos partidos e organizações políticas.

• Boicote popular à compra de bilhetes de comboio, dadas as novas tarifas nas linhas do Estoril e Sintra.

• Prossegue o conflito de trabalho nos TLP, admitindo-se a possibilidade de Lisboa ficar sem comunicações telefónicas dentro de dois ou três dias.

AISAL Fábrica de Tripas

Continuação pág. 8

Quando foram despedidas 15 camaradas nossas fiz várias tentativas junto do sindicato para resolver o problema das camaradas e o ele não fez nada! Os elementos que lá estavam eram ainda de antes do 15 de Abril. Agora parece que houve mudança mas não sei. Das vezes que lá fui nunca vi força nenhuma do sindicato para defender os trabalhadores.

OPERÁRIA (3)
Eu estive com baixa de 7 a 25 de Fevereiro mas só me pagaram os dias que trabalhei e ainda por cima na base de 28 dias. Fui ao sindicato perguntar qual o motivo porque não me tinham pago os trinta dias e até hoje preenchi o papel e fiquei sem dois dias, disseram-me que iam escrever mas até agora nada.

OPERÁRIA
Isto é mais uma prova de como não podemos mais contar com o sindicato.

AVANÇAR MESMO COM OBS-TÁCULOS

REVOLUÇÃO: Mas se não se poder importar tripa da Alemanha como é?

RESP— Não não pode ser. Os bancos não nos financiam, e a tripa

é muito cara. Os bancos fazem certos investimentos para que certas firmas continuem mas eu estou convencida e como sei os problemas que nós temos tido, que os bancos não financiam, por outro lado não há aqui ninguém capaz de ir aos outros países comprar tripas porque só o patrão está dentro do negócio e é um negócio muito complicado. Quem conhece as qualidades da tripa e os matadores é só o patrão.

Na tripa ganha-se muito dinheiro mas também se pode perder. Se uma remessa sai mal perde-se o que se ganhou na anterior. Isto é a minha opinião. Se elas pensarem em ocupar as instalações a primeira coisa que se perde são as encomendas. Porque o patrão da Alemanha corta-nos os fornecimentos. Ele é que compra a tripa dos rebanhos e só ao fim de certo tempo 4 ou 5 meses é que chega a tripa. Temos um contrato já há um ano e ainda estamos a receber encomendas desse contrato. E nós temos trabalho até ao fim do ano.

DELEGADA SINDICAL

Em Novembro de 73 o patrão também disse que não havia tripas

ela apareceu, vai aparecendo e é isso que nos faz confusão! Por exemplo nós achamos muito esse requisito aparecer assim 90 barcas de um momento para o outro.

OPERÁRIA (1) —Nós mesmo que acreditamos no que tu dizes (E.E.), continua o problema do patrão querer fechar a firma.

REVOLUÇÃO: Vocês têm conhecimento da situação económica da firma?

DELEGADA SINDICAL— Não temos conhecimento da situação económica da firma mas pensamos que na nossa organização tomarmos conhecimento pois isso é muito importante para nós trabalhadoras, na medida em que e antes do 25 de Abril era um que fazia a contabilidade e depois é outro.

E.E. — A situação económica da firma é normal. O 25 de Abril não nos afectou. O que o 25 de Abril nos veio afectar um bocadinho foi o estabelecer do ordenado mínimo. Enquanto nas outras fábricas de tripas só ganham o ordenado mínimo vocês todas ganham mais.

REVOLUÇÃO: Qual é o ordenado médio da firma?

OPERÁRIAS]— 3 950\$00. O patrão diz que é impossível dar-nos mais. No entanto quando pedimos os 1 000\$00 de aumento ele disse-nos que só com trabalho garantido até ao fim do ano nos podia dar os 1 000\$00 (como foi afirmado mais acima há trabalho garantido até ao fim do ano). Depois disse-nos que 300\$00 já ultrapassava as possibilidades da firma e acabamos por conquistar os 500\$00, a situação da firma é normal não se percebe...

OPERÁRIAS DENUNCIAM ARBITRARIEDADES

OPERÁRIA (3) —Otrabalho é muito difícil pois a espessura da tripa é de um milímetro e trabalhamos com pressão de água. Sempre que nós tínhamos um pote de tripa mal tínhamos que pagar 10\$00 de multa. Se nos recusássemos a pagar iam-nos dar de castigo para casa. Isto é justo? estavam mal e depois éramos postas fora da calibragem.

REVOLUÇÃO: E os despedimentos?

OPERÁRIA (1) — E les despediram as medidoras por causa do ordenado mínimo e agora somos

nós as calibradoras que temos que fazer o trabalho delas.

REVOLUÇÃO: E vocês não fizeram nada para impedir os despedimentos?

OPERÁRIA (1)]—Não estávamos organizadas e foi logo após o 25 de Abril que eles se efectuaram e nós ainda estávamos cheios de medo. A maior parte dos casos estão no Tribunal.

Nós pensámos organizarmo-nos, tínhamos pedido a ajuda dos empregados de escritório mas depois das declarações deles pois o caminho que eles apontam é muito desviado do nosso e por isso pensamos que eles não estão do nosso lado. Pois o que eles querem é que nós fiquemos paradas e nós entendemos que não.

O patronato manobra, ameaça provocar a instabilidade. Contra isto só a organização dos trabalhadores poderá fazer face à actual situação. Só com a destruição do capitalismo os trabalhadores poderão alcançar uma sociedade mais justa, uma sociedade sem classes - o comunismo.

Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª - Trav. Condessa do Rê, 7-9 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Em Portugal, já não há oito dias sem crise política. Para quem, por um motivo ou por outro deite as contas a um mínimo de estabilidade, tudo sai furado. Neste país, o poder político vive sobre um barril de pólvora; e lá vão trepidando com as pequenas explosões até ao dia e à hora em que voem pelos ares e se percam na estratosfera. Mas por um lado ou por outro lá irão parar e depois de serem cosmonautas compreenderão (ou não?) que não se pode estar bem com Deus e com o Diabo, que não se pode simultaneamente fazer a política do proletariado e a política da burguesia. E que é difícil para um burguês escolher pela outra classe, mas que a dada altura não tem outro remédio, mesmo para salvar a cabeça.

O Plano de Acção Política nasceu, com evidente satisfação dos imperialistas, da social-democracia e dos reformistas de direita, com expectativa desconfiada dos reformistas mais à esquerda, com muito boa vontade dos militares progressistas a descobrirem a revolução nas entrelinhas e com a indignação dos operacionais a descobrirem o que lá não está. Tão direito plano foi a luz verde para uma série de medidas de direita: combate às lutas dos TLP e CTT, continuação do impasse na TAP e o escandaloso aumento das tarifas nos transportes. E isto tudo para um Ministério só (até parece que queriam queimar o homem!...) As medidas referentes à informação foram o culminar autoritário do processo — o governo e o Conselho da Revolução definiriam-se claramente em relação à classe que defendem. Disponham-se a entregar ao Patriarcado, defensor do capitalismo e da ideologia mais reaccionária a possibilidade de falar diariamente a milhões de pessoas; disponham-se a tirar aos trabalhadores uma voz apartidária, ao serviço dos interesses do proletariado. Eles aceitam negociar com partidos que se dizem da classe operária desde que tenham a compustura suficiente para entrar em combinatas nas costas dos trabalhadores. Só não aceitam é falar propriamente com a classe operária, ouvir a voz dos trabalhadores. E durante essas horas em que a verdade do que pensam empresas e empresas ácerca do Conselho da Revolução, do Primeiro Ministro e do Governo Provisório, ecoou dentro das casas e nas ruas do Chiado, os senhores políticos não tentaram ouvi-la, fecharam os rádios, fizeram uma barreira de som, taparam os ouvidos. No dia seguinte os informadores oficiais fazem-lhes o resumo. E assim ajuizam... vão ajuizando. O mundo gira, eles estão parados.

A força dos trabalhadores, da classe operária que se aglomerou horas e horas seguidas frente ao Rádio Renascença, venceu. A larga solidariedade, que abrangeu tendências várias, fez-se sentir no Renascença. O poder neste caso foi conquistado "por quem trabalha". Foi vencida a "canalha".

Assim corria a força nas ruas de Lisboa, nas estações do Renascença. Mas outras forças se afrontavam no Conselho da Revolução. E em relação a elas podemos dizer: venceram as posições de esquerda, venceram os operacionais. Mas a quem é que passaria pela cabeça que os operacionais ou quaisquer outras forças repressivas marchariam sobre o Renascença? O Salazar fechou-se dezenas de anos na sua bafienta torre para desconhecer tudo; e a estes bastam 14 meses para já n'ao perceberem nada do que se passa à sua volta.

Depois desta vitória dos trabalhadores e dos militares de esquerda, pergunta-se: o que é que fazem os outros no poder? Qual é a manobra?

Para ninguém já se poderá escónder que a ruptura é inevitável. Por mais que os reformistas se sintam entalados e por mais que outros, mesmo de esquerda, procurem atrazar o processo para reforçarem a sua organização.

Mais do que nunca é indispensável o esclarecimento das massas para que não se precipitem e não desesperem; perceber bem onde está a burguesia e onde está o proletariado. Organizar, organizar, organizar. Para a criação duma frente unitária e apartidária dos trabalhadores. Para a aliança com os militares revolucionários. Para a Revolução Socialista.

AISAL Fábrica de Tripas

No dia 13-6-75 o Revolução deslocou-se à fábrica de Tripas situada em S. João da Talha (Sacavém) para tomar conhecimento da luta travada pelos trabalhadores face às manobras reaccionárias do patrão.

A AISAL tem cerca de 65 trabalhadores que trabalham no tratamento, selecção e calibragem de tripas que são importadas da Alemanha para um sócio da firma. Adquiridas estas por todo o mundo (Paquistão, China, URSS, América, etc.). A matéria prima depois de trabalhada é exportada para a Alemanha e entregue pelo mesmo sócio aos clientes.

Podem então dizer-se que a AISAL é simplesmente uma exploração de mão-de-obra. Antes da entrevista as trabalhadoras foram intimidadas sendo-lhes perguntado se sabiam o que era um jornal. Que o jornal era uma coisa que se lia em todo o mundo e portanto vissem o que iam fazer. As trabalhadoras reagiram e a entrevista fez-se. De notar que as trabalhadoras não consentiram que fossem elas apenas duas ou três a falar. Todas elas quiseram assistir e participar. Das intervenções hávidas, ressalta bem a revolta destas operárias contra o sistema capitalista.

COMO SURGE A LUTA

REVOLUÇÃO: Queríamos que nos contassem qual tem sido a vossa luta?

RESP— Depois do 25 de Abril houve o problema do cumprimento do contrato de trabalho. O patrão chegando-se ao pé de nós disse-nos "que isto assim não podia ser, que era um exagero", começando logo por despedir 15 camaradas, 8 da primeira vez e depois mais 7. O patrão alegava que havia reclamações, que o trabalho não corria bem, ameaçando fechar a firma. Isto passou-se logo a seguir ao 25 de Abril.

A situação piorou mais ainda, logo me Outubro fomos ter com ele exigindo 1 000\$00 de aumento. Em resposta começou por nos dizer que não podia dar porque a firma não suportava, propondo-nos 200\$00, passando depois para 250\$00 até que chegou a 500\$00 ficando o restante para depois das férias se o trabalho estivesse normalizado. Agora o patrão chegou-se ao pé de nós dizendo que isto estava mau, visto passar a ser aplicada a taxa de 20% aos produtos importados e assim tinha que fechar a firma. Nós com esta afirmação ficamos alarmadas, uma camarada perguntou-lhe "o que iria ser de nós" respondeu-nos que não podia fazer nada.

Perante isto resolvemos ir ao Ministério do Trabalho ver o que nos diziam. Explicamos que a tripa vinha de fora e tornava a ir, e então disseram-nos que a taxa de 20% não era aplicada. Chegadas à fábrica e contando o que nos tinham dito no M. do T., sendo-nos respondido que a taxa era aplicada porque a tripa era nacionalizada!

Nós fomos então a uma reunião com u uma comissão de trabalhadores de uma fábrica aqui próxima e em conjunto vimos que tínhamos de abrir os olhos, pois o patrão não nos garante sequer a indemnização.

REVOLUÇÃO: Vocês já têm alguma Comissão de trabalhadores?

RESP— Já tivemos uma comissão, mas havia muita desunião entre nós e não nos entendíamos. Mas agora como sucedeu isto já estamos a organizar-nos e convidámos a nossa colega dos escritórios.

REVOLUÇÃO: Quais os motivos da desunião?

RESP— Havia desunião entre nós porque umas estavam do lado do patrão. Há camaradas que trabalham aqui há 20 anos e pensam que o patrão é bom. O patrão encheu-se, e agora elas já começaram a ver que o patrão não quer saber de nós. Agora temos que lutar mesmo e não podemos andar para trás, para o lado do patrão.

OPERÁRIAS - ESCRITÓRIOS - O CONFLITO

REVOLUÇÃO: Vocês, através dos escritórios sabem qual é a situação da fábrica?

RESP— Dos escritórios não temos pormenores nenhuns, só a empregada de escritório é que tem acesso às contas da firma. Ela diz-nos que podemos ter a certeza de que isto não fecha. Nós pensamos que isto pode fechar de um momento para o outro. Porque um dos patrões está na Alemanha e é ele que nos envia a matéria prima e se quiser pode deixar de a mandar de um momento para o outro. Mas acho que a empregada de escritório pode explicar melhor.

Empregada de escritório— Eu tenho uma ideia muito diferente delas, não sei se é por estar em contacto com os assuntos da firma, embora o patrão diga que tenha falta de trabalho como tivemos o ano passado. Agora tem muito trabalho. O que se passa, é que a indústria da tripa é diferente de qualquer das indústrias. Quanto à taxa, saiu no

Diário do Governo de 31-5-75 a aplicação de uma taxa de 20 a 30% sobre certos produtos importados, como só recebemos o custo da mão-de-obra é totalmente impossível ao patrão sustentar esta taxa. Se o patrão tiver de suportar a taxa terá de fechar a fábrica. Em minha opinião o que se deve fazer é pressão sobre o governo para que a taxa seja anulada e a matéria prima não falte e portanto o trabalho continue.

OPERÁRIA (1)— Excluindo o problema da taxa o patrão diz que a firma fecha se o que está na Alemanha deixar de mandar a tripa, portanto o problema mantém-se. O patrão não nos dá garantias de trabalho e temos de pensar em ter de resolver o nosso problema.

Empregada de escritório— O patrão disse que se não puder continuar com a laboração de AISAL procurará garantir-nos trabalho mudando de ramo.

DELEGADA SINDICAL
O patrão disse que não garantia o futuro e uma camarada perguntou-lhe se em caso de falência havia garantia de indemnização. A resposta foi "isto é uma falência e não há indemnização nenhuma". Portanto não está interessado no futuro da firma é que ia fazer? Ao que ele disse que não tinha culpa nenhuma e não podia fazer nada.

DELEGADA SINDICAL

Tu dizes (a empregada de escritório) que tens uma ideia totalmente diferente da nossa e eu penso que tu defendes é a tua posição! Até ontem nunca se deu a conhecer a situação da firma a nenhum trabalhador! O que se dizia era: Tem-se que trabalhar mais! Tem-se que aumentar a produção! Tem-se que trabalhar melhor! Tem de haver disciplina! Há reclamações! Nunca tivemos mais nada senão trabalhar. Depois do 25 de Abril houve pessoas que passaram a ser neutras, o chefe, a (empregada de escritório), dizem que são neutros nem a nosso favor nem contra. E portanto fomos nós operárias que nos começamos a organizar e não temos confiança em mais ninguém do que em nós próprias.

SINDICATO - Quem DEFENDE?

DELEGADA SINDICAL
Fui eleita delegada pelas camaradas. Como as reuniões do sindicato eram durante a noite, o que me impossibilitava devido aos meus problemas familiares de lá ir, fizemos um abaixo assinado para que fossem mudados os horários de reuniões ao que o sindicato (das carnes) respondeu negativamente.